

As escolhas de Calvino: quando literatura é crítica e política

Calvinos's choices: When literature is critical and political

Las elecciones de Calvino: cuando la literatura es crítica y política

Maria Betânia Amoroso
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Proponho neste artigo uma reflexão sobre o sentido e a força que a política pode assumir na vida de um escritor. Tento observar as relações estabelecidas por Italo Calvino com o mundo da política italiana, entre o fazer política, o fazer literatura e a questão ética implícita. Serão comentados alguns textos do escritor italiano — autobiográficos, ensaísticos e ficcionais — e a troca de cartas com o escritor Pier Paolo Pasolini ao redor do mesmo tema. Por último, o livro calviniano *Una pietra sopra* é contraposto a *Scritti corsari*, de autoria de Pier Paolo Pasolini, enquanto possíveis antologias geracionais e autobiográficas.

Palavras-chave: Italo Calvino; política e literatura; Pier Paolo Pasolini.

Abstract

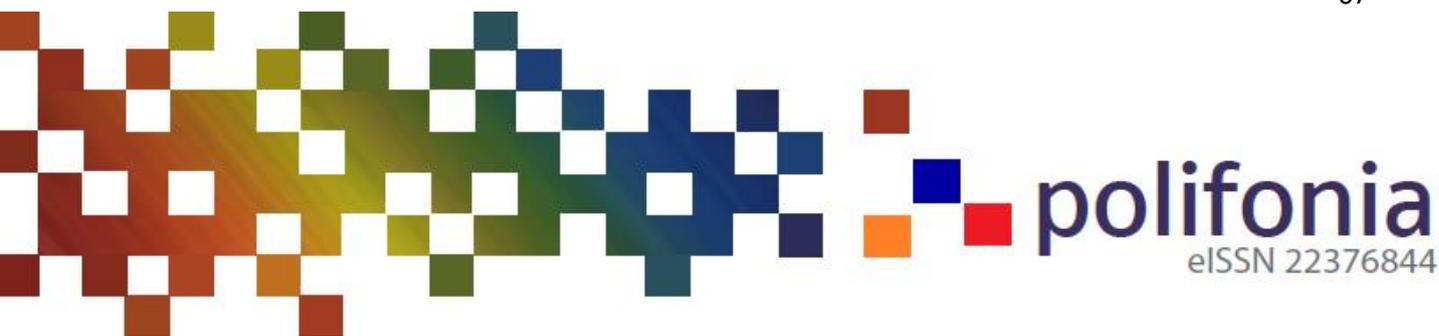
In this article, I propose a reflection on the meaning and strength that politics can assume in the life of a writer. I try to observe the relations established by Italo Calvino with the world of Italian politics, between making politics, making literature and the implicit ethical question. Some texts by the Italian writer - autobiographical, essayistic or fictional - and the exchange of letters with the writer Pier Paolo Pasolini around the same theme will be commented. Finally, the Calvinian book *Una pietra sopra* is presented in opposition to *Scritti corsari* by Pier Paolo Pasolini as possible generational and autobiographical anthologies.

Keywords: Italo Calvino; politics and literature; Pier Paolo Pasolini.

Resumen

En este artículo propongo una reflexión sobre el sentido y la fuerza que puede asumir la política en la vida de un escritor. Intento observar las relaciones que establece Italo Calvino con el mundo de la política italiana, entre hacer política, hacer literatura y la cuestión ética implícita. Sobre el mismo tema se comentarán algunos textos del escritor italiano y el intercambio de cartas con el escritor Pier Paolo Pasolini. Finalmente, el libro calviniano *Una pietra sopra* se opone a *Scritti corsari* de Pier Paolo Pasolini como posibles antologías generacionales y autobiográficas.

Palabras clave: Italo Calvino; política y literatura; Pier Paolo Pasolini.



1.

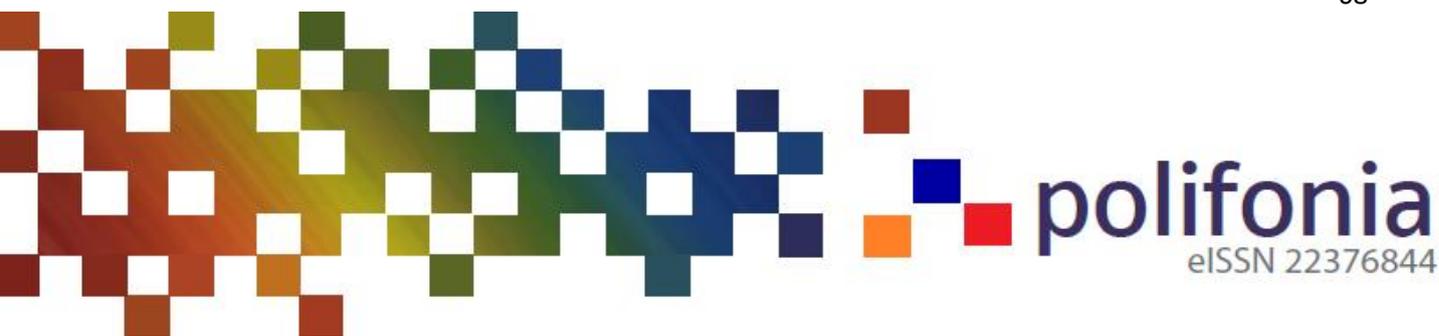
Proponho neste artigo uma reflexão sobre o sentido e a força que a política pode assumir na vida de um escritor. O escritor é Italo Calvino. Tento observar as relações estabelecidas por Calvino com o mundo da política italiana, entre o fazer política e o fazer literatura e a questão ética implícita.

Citarei partes conhecidas de sua biografia, como a da atuação de militante no Partido Comunista Italiano (PCI), na juventude, enquanto integrante dos resistentes que lutaram contra o fascismo e o nazismo europeus; posteriormente, como jornalista do *L'Unità*; e, também, o seu desligamento do partido. O que me interessa observar, ao final, é o modo como a literatura calviniana fala de política ou como a política fala na literatura de Calvino.

Temos diversos textos que chamaria circunstancialmente de *documentos* desse diálogo. Um conjunto deles é formado por artigos publicados na seção regional do jornal *L'Unità* do Piemonte, ligado, como todos sabemos, ao extinto Partido Comunista Italiano. Calvino manteve uma coluna no jornal, intitulada *Gente nel tempo*, de 1946 a 1948. Tratava de todos os assuntos mais urgentes e polêmicos da luta comunista, após o fim da guerra. Um livro conhecido entre nós que estudamos Calvino é o *Le capre di Bikini. Calvino giornalista e saggista (1945-1985)*, de Gian Carlo Ferretti, publicado em 1989. Biquini é o nome de uma ilha desabitada na época, na qual foram feitas explosões atômicas experimentais. A primeira, em 1.º de janeiro de 1946. Resumindo muito, o texto se pergunta sobre o que aquelas cabras, e outros animais que moravam na ilha, estariam achando daqueles experimentos atômicos. Foi nesse livro que conheci primeiramente alguns dos textos escritos para jornal, em particular os que escritos como parte da militância comunista do escritor.¹

No prefácio ao livro, Ferretti faz a associação entre o momento de empenho político explícito na vida do escritor em 1946 e o momento final de sua carreira, o do livro *Palomar*,

¹ Parte consistente do livro — 44 páginas — é preenchida pelo levantamento da colaboração jornalística de Calvino com jornais e revistas e — anota Ferretti em 1989 — não tinha sido ainda, na sua maioria, recolhida em livro. (FERRETTI, 1989, p. 165-209).

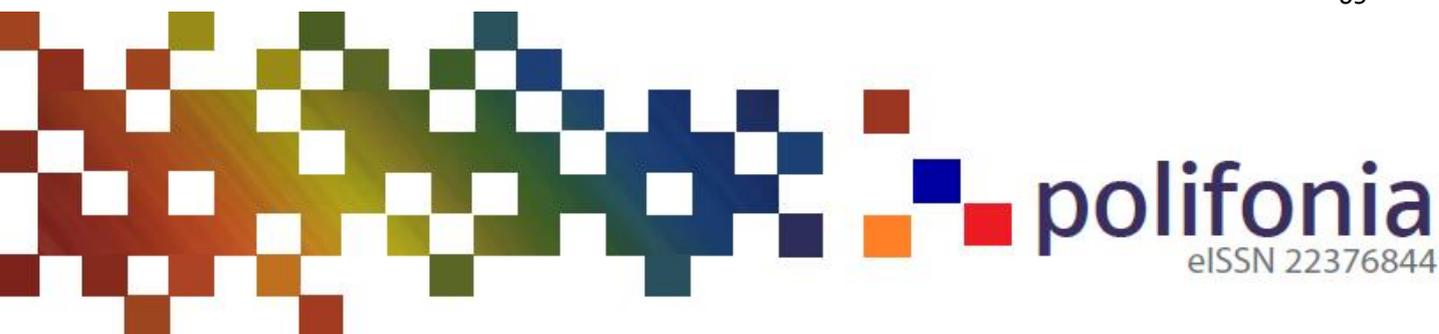


na década de 1980: para ele, esse primeiro momento preanuncia os últimos, e são os animais o vetor de aproximação.

A associação me parece significativa. As discussões sobre os direitos dos animais, como parte integrante do direito dos viventes, não era, na década de 1940, um tema político importante como o é hoje, quando está entre as questões vitais que enfrentamos, encaradas com mais seriedade e preocupação pelo estado atual da destruição da Natureza. Nas palavras de Ferretti, escritas em 1989, fica sugerido que Calvino, mesmo quando em plena atividade como jornalista do PCI, envolvido nas grandes questões políticas da época, foi capaz de estender a reflexão sobre — aqui sou eu quem falo — “as pequenas pessoas”, feliz título de um livro póstumo da escritora italiana Anna Maria Ortese. Ou melhor, lendo de modo diferente a observação de Ferretti que está, na verdade, apontando para os animais como interesse literário de Calvino durante toda a sua vida, eu estou tentando assinalar que a política fala de várias formas pela literatura de um autor: não fala em linha reta e nem fala somente quando nomeia a política.

Em 1.º de agosto de 1957, há o registro de outro momento importante das atividades políticas de Calvino: a carta em que anuncia a desfiliação do PCI. Sobre esse momento ou a partir dele, há outros textos: “O verão de 1956” (no livro *Eremita em Paris*) e “A grande bonança das Antilhas” (no livro *Um general na biblioteca*), este último uma alegoria sobre o imobilismo da situação política italiana. Cito alguns trechos da carta-documento:

Junto a muitos companheiros, esperei que o Partido Comunista Italiano se pusesse à frente da renovação internacional do comunismo, condenando métodos de exercício do poder que se revelaram fracassados e antipopulares, dando impulso às iniciativas vindas de baixo em todos os campos, lançando as bases para uma nova unidade de todos os trabalhadores, e nesse fervor criativo reencontrasse o vigor revolucionário e a atração das massas. Fui um dos que defenderam que apenas uma arremetida moral impetuosa e unívoca seria capaz de realmente fazer de 1956 o ano da “renovação e do revigoramento” do Partido, num momento em que das mais variadas partes do mundo comunista nos chegavam apelos à coragem e à clareza. No entanto a via seguida pelo PCI na preparação e em seguida ao VIII Congresso, atenuando os propósitos renovadores num substancial conservadorismo, pondo ênfase na luta contra os assim chamados “revisionistas”, e não contra os dogmáticos, me pareceu (sobretudo da parte de nossos dirigentes

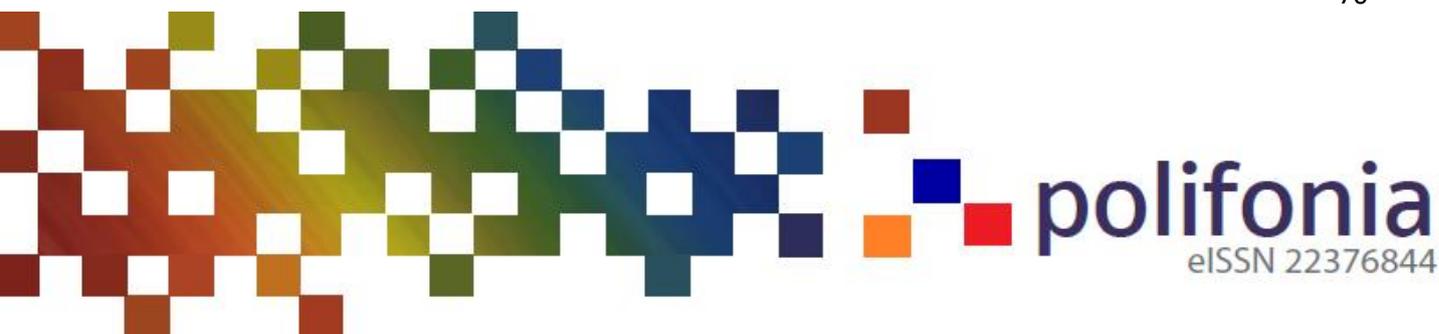


mais jovens, nos quais depositávamos as maiores esperanças) como a renúncia a uma grande ocasião histórica. [...] Tenho confiança no movimento histórico que conduzirá o socialismo, de uma forma de organização centralizada e autoritária, a formas de democracia direta e de participação funcional da classe trabalhadora e dos intelectuais na direção política e econômica da sociedade. É por esse caminho que o movimento comunista mundial é impelido a resolver seus problemas, com ou sem interrupções, a depender da capacidade de renovação dos Partidos comunistas dos vários países. É nesse sentido que pretendo continuar dirigindo minhas opções políticas.² (CALVINO, 2000, p. 502).

A carta, portanto, embora seja o marco do abandono do partido, é ao mesmo tempo a afirmação da presença do político na vida do escritor, ou seja, pensar política ou pensar politicamente não se esgota no fazer política partidária, ou melhor, a militância no partido nunca impediu a Calvino a reflexão crítica.

Outro “documento” é o livro de Calvino cujo título, entre outras coisas, resume a mesma questão — a do escritor e a vida pública —, *Assunto encerrado*. Esse título sensacional indica o desejo do autor em encerrar a discussão que é, resumindo, sobre a participação dos escritores e intelectuais na política, em princípio ao menos, partidária (no PCI), o período do pós-guerra na Itália e suas questões, até seu esgotamento mais ou menos

² No original: “Insieme a molti compagni, avevo auspicato che il Partito comunista italiano si mettesse alla testa del rinnovamento internazionale del comunismo, condannando metodi di esercizio del potere rivelatisi fallimentari e antipopolari, dando slancio all’iniziativa dal basso in tutti i campi, gettando le basi per una nuova unità di tutti i lavoratori, e in questo fervore creativo ritrovasse il vigore rivoluzionario e il mordente sulle masse. Sono stato tra chi sosteneva che solo uno slancio morale impetuoso e univoco potesse fare del 1956 veramente l’anno del rinnovamento e rafforzamento del Partito, in un momento in cui dalle più diverse parti del mondo comunista ci venivano appelli al coraggio e alla chiarezza. Invece, la via seguita dal PCI nella preparazione e in seguito all’VIII Congresso, attenuando i propositi rinnovatori in un sostanziale conservatorismo, ponendo l’accento sulla lotta contro i cosiddetti «revisionisti» anziché su quella contro i dogmatici, m’è apparsa (soprattutto da parte dei nostri dirigenti più giovani e nei quali ponevamo più speranze) come la rinuncia ad una grande occasione storica. [...] Ho fiducia nel movimento storico che porterà il socialismo, da una forma di organizzazione accentrata e autoritaria, a forme di democrazia diretta e di partecipazione funzionale della classe lavoratrice e degli intellettuali alla direzione politica ed economica della società. È su questa via che il movimento comunista mondiale è spinto a risolvere i suoi problemi, con o senza soluzione di continuità a seconda della capacità di rinnovamento dei Partiti comunisti dei vari paesi. È in questo senso che intendo continuare a volgere i miei orientamenti politici.” A tradução utilizada para as cartas apresentadas ao longo deste artigo é de Maurício Santana Dias, em sua Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (DLM/USP), intitulada *Cartas de um eremita em Paris: proposta de edição de correspondência seleta de Italo Calvino (1940-1985)*, com apresentação, tradução e notas.

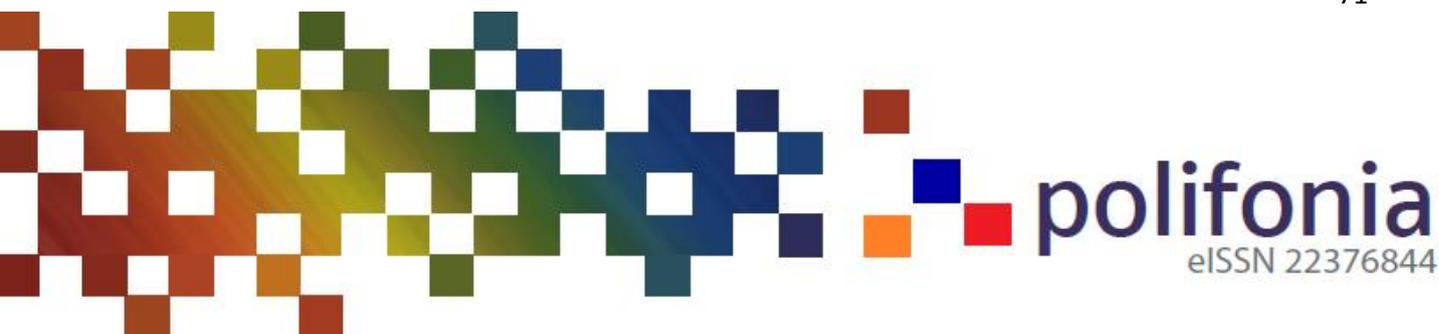


nos anos 1970. A expressão italiana *una pietra sopra*, bem como sua tradução para o português: *assunto encerrado* são usadas para indicar que se quer pôr um fim (mais fictício do que real; na verdade, estamos mais do que nunca às voltas com o tema) em uma discussão que se arrasta e se mostra sem fim. O livro, organizado passo a passo por Calvino — aliás, um grande editor —, foi publicado em 1980 e é uma seleção de textos escritos ao longo de 25 anos, selecionados para deixar um testemunho para a posteridade e, imagina-se, essa necessidade nasce dada a importância do assunto para o escritor. Tendo a pensar que este livro na obra de Calvino ocuparia um lugar similar ao do *Escritos corsários* para Pier Paolo Pasolini.

Entre os ensaios, um me interessa em particular, neste momento: “Usos políticos certos e errados da literatura” (CALVINO, 2009). Trata-se de uma conferência proferida pelo escritor nos Estados Unidos, em um colóquio sobre a política europeia. A conferência foi feita em 1976 e nela afirma que nos últimos anos teria se dedicado muito pouco ao tema, o que contrastava com sua declaração posterior onde dizia que “[...] a partir de 1945 e por toda a década de 1950, e mais adiante, tiveram como problemas dominantes as relações entre o escritor e a política. Poderia dizer que toda discussão girava em torno desse ponto. Minha geração poderia ser definida como aquela que começou a se ocupar de literatura e de política ao mesmo tempo”.³ (CALVINO, 2009, p. 338).

Num rápido levantamento, contudo, nessa coletânea, não parece ser bem assim, ou seja, Calvino minimiza a presença do tema, presença de um fantasma, de uma angústia em sua vida: em 1964, publica na revista *Il Menabò* dois textos, “A antítese operária” e “Uma serenidade amarga”; em 1973, fora portanto do período apontado por Calvino, responde a um questionário sobre o tema *extremismo*, proposto aos escritores pela revista *Nuovi*

³ No original: “A partire dal 1945 e per tutti gli anni Cinquanta e oltre, hanno avuto come problemi dominante i rapporti tra lo scrittore e la politica. Potrei dire che ogni discussione girava intorno a questo punto.” (CALVINO, 2007, p. 351).



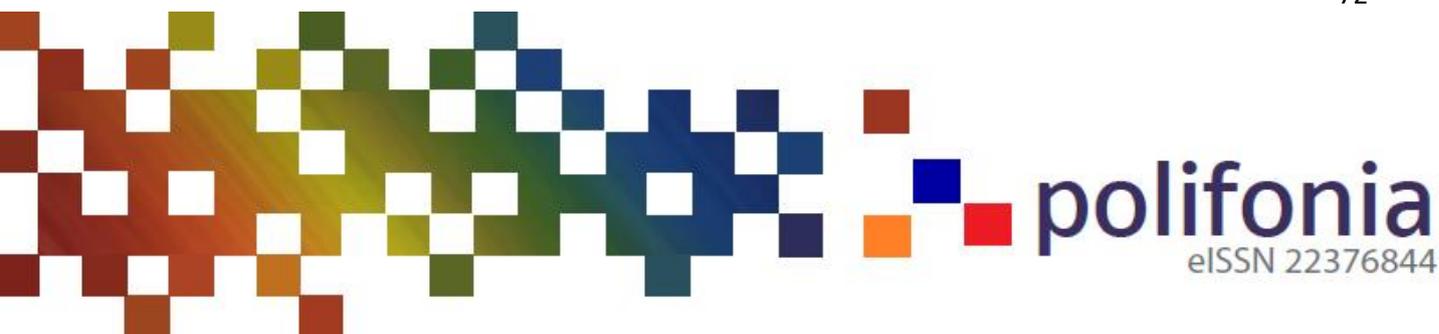
Argomenti, naquele momento dirigida por Pasolini. Haveria muito a se comentar sobre essas notas, mas destaco a observação de Calvino sobre ser contrário ao extremismo, já que sua primeira formação política ocorrera no PCI, que considerava o extremismo um “desvio”. As questões da vida política, portanto, retornam e não são só memórias vagas, são comentários sobre os modos contemporâneos de ser do escritor em relação à política: lembremo-nos que a década de 1970 foi de anos do extremismo político na Itália, com as brigadas vermelhas. Ainda: escolhe para constar no *Assunto encerrado* um conjunto de anotações, fragmentos, na verdade, escritos entre 1976 e 1978, para responder a pedidos variados, e dá ao texto o título “Notas sobre a linguagem política” (CALVINO, 2009, p. 363). O livro que reúne esse conjunto de textos que giram, em boa parte, ao redor da questão escritor e política (sob diversos ângulos) é de 1980! Calvino está, nessa data, com 57 anos. O que quero dizer é que o arco de tempo na vida do escritor tomado pelas relações entre literatura e política é muito mais extenso do que aquele que o escritor nos faz supor. Há um fantasma que ocupa os bastidores da vida de Calvino.

Escolho um último texto calviniano que toca em pontos que são temas marcantes quando se trata de refletir pela literatura sobre política: me refiro ao livro *O dia de um escrutinador*.

Na Nota do Autor que abre o livro, lemos:

A essência do que contei é real; mas as personagens são, todas elas, completamente imaginárias. Particularmente: não adianta tentar identificar o deputado que aparece no capítulo 10; é uma personagem alegórica, que inventei. Também procurei informar-me se por acaso alguém poderia com ela se identificar: não há possibilidade. Exceção feita àquele capítulo, sempre tentei me basear nas coisas que vi com meus próprios olhos (em duas ocasiões, em 1953 e em 1961), admitindo-se que isso possa importar, num conto que é mais de reflexões do que de fatos.⁴ (CALVINO, 2002, p. 7).

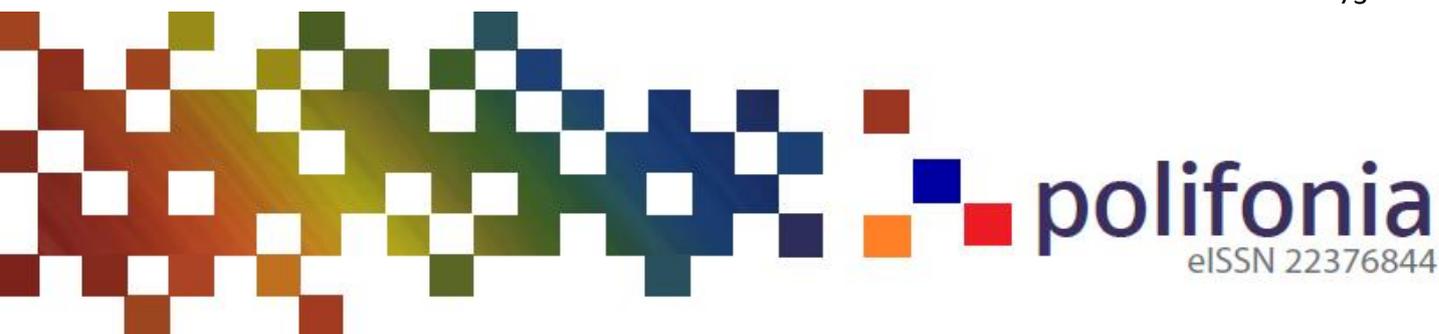
⁴ No original: “La sostanza di ciò che ho raccontato è vera; ma i personaggi sono tutti completamente immaginari. In particolare: l'onorevole che compare al capitolo X è inutile cercare d'individuare; è un personaggio allegorico, inventato da me. Mi sono anche informato se caso mai qualcuno potesse riconoscermi: e non c'è. Tranne che per quel capitolo, ho cercato di basarmi sempre su cose viste coi miei occhi (in due occasioni, nel 1953 e nel 1961); ammesso che questo possa importare, in un racconto che è più di riflessione che di fatti.” (CALVINO, 1992, p. 4).



Essa nota, com a qual se defronta qualquer um que se dispuser a percorrer o livro, propõe, acredito, o embaralhamento das categorias mais elementares, e, portanto, fundantes, da reflexão sobre literatura e política: verdade, mentira; ficção e realidade. Esse embaralhamento é reconhecível, por exemplo, na irônica afirmação — “procurei me informar... não há possibilidade” — que poderia tanto ser do autor como de Amerigo, protagonista do livro — sobre não existir a menor possibilidade de alguém se identificar com o deputado que aparece no capítulo 10 porque ele é *imaginário*; aliás, afirma a nota, são imaginárias todas as personagens do livro. O retrato que ele escreve do tal deputado é cruel e muito identificável com aquele que o senso comum dos militantes comunistas atribuía aos políticos da Democracia Cristã. Ora, a imaginação funciona para ambos os lados: para quem escreve e para quem lê! Impossível é afirmar que não vai ocorrer identificação! Como Calvino sabe muito bem disso, a ironia se sobressai nessa Nota e, me parece, contamina o tom da narrativa, impondo a reflexão ou problematização sobre o estatuto do que é real e do que é imaginário — em política e em literatura. E essa dúvida nos *desacomoda*: não há lugar de certezas no mundo programático da vida de partido como não há em literatura.

Ainda na Nota do Autor, outra ação prévia desse embaralhamento das noções, potencializando a reflexão sobre literatura e política, surge quando afirma — e notem que o tom é muito assertivo, de quem não quer deixar dúvidas, esclarecendo por completo o leitor — que, enquanto o capítulo 10 foi construído a partir da imaginação, a essência do que se contou é real, montada a partir das “coisas que vi com meus próprios olhos”, embora, continua a Nota, num livro como esse os fatos contam pouco porque é um livro de reflexão.

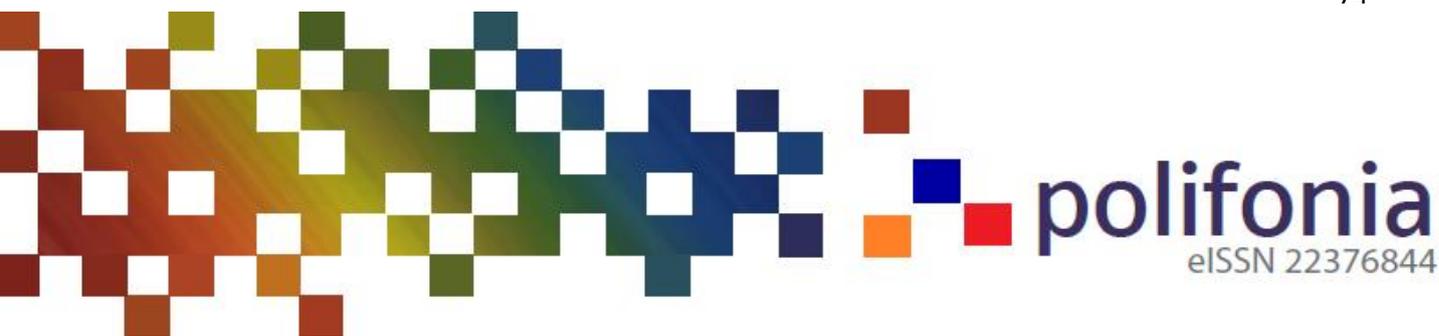
As reflexões aparecem em boa parte entre parêntesis, interrompendo o fluxo narrativo com uma voz pensante que faz daquela experiência de escrutinador algo extremista: ao mesmo tempo que a descrição da cena da seção eleitoral é realizada, assistimos, em detalhes, a uma espécie de exame de consciência de uma geração — vamos lembrar aqui o que Calvino dissera sobre o peso da política para a sua geração de escritores. E as coisas se embaralham e se contaminam — porque são, na verdade, embaralhadas e



contaminadas: aquilo que os olhos de Amerigo veem e experimentam como escrutinador incita à reflexão sobre sua vida privada — o quão ético ele seria, o quão machista diante da namorada, o quão acomodado politicamente diante das atrocidades do tempo etc. —, ou seja, explicitando as misturas entre razão e coração, da vida do militante do partido, e a lógica partidária que se mostra então, enquanto conflito, entre os sentimentos e a ética do personagem.

Desse modo, se quisermos, Cottolengo — a instituição religiosa mantida pela aliança do governo de direita com a Igreja, que recolhe pessoas com variados graus e tipos de deficiências, e que se transforma em local de votação durante as eleições — é uma alegoria das tantíssimas outras sedes de votação espalhadas pelo país, uma alegoria política. O que vemos acontecer ali se distingue somente em graus do que acontece nas outras sedes. Cottolengo existia realmente. Calvino fora um escrutinador ali. Era um local de votação *excepcional*: ao invés dos eleitores irem até a sede, o aparato — urnas, cabines, mesários, fiscais, escrutinadores — exigido por uma votação ia até Cottolengo. É uma versão portanto extremizada, embora real, alegorizada, das seções *normais* que homens e mulheres *comuns* frequentam em dia de votação. Há um deslizamento de sentido constante que o leitor é levado a acompanhar: através daquilo que Amerigo vive como provável exceção, Calvino nos faz ter uma espécie de entendimento instantâneo e angustiante, no mesmo momento em que se dá a leitura, sobre aquela experiência não ter nada de excepcional, apesar da aparência. Em suma, Cottolengo e *O dia de um escrutinador* nos fazem mergulhar no universo da política como uma questão ética.

Acredito que não será surpresa para ninguém eu lembrar, de modo quase obrigatório, que estamos vivendo um momento de embaralhamento intenso, constante e violento das categorias verdade e mentira. Talvez esse seja, hoje, o nosso dilema maior, o fantasma e a angústia que nos habitam: na condução política do país, desde a última eleição presidencial até o momento presente (e, provavelmente, futuro), o embaralhamento é feito programaticamente para certos fins dessa política, alimentando esquemas mentais muito



simplórios, descritos com muita eficiência como os do *ressentimento* e numa lógica afetiva e mental de desejo de morte. O embaralhamento proposto por Calvino é em nome da vida, da vontade de compreender a complexidade do mundo e um convite para a convivência nas diferenças. E o horizonte é o do bem comum, comunista, portanto.

O que permanece como dúvida, mesmo depois da compreensão sobre a importância da política como prática social e literária, ao longo de toda a vida de Calvino, é o motivo de mantê-la à sombra, quase disfarçada.

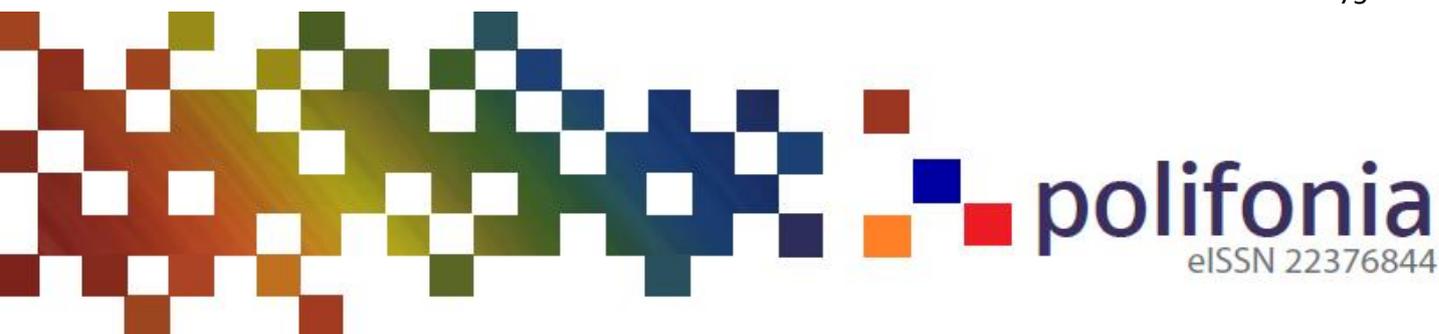
2.

Mais acima foi feita a aproximação entre os livros *Escritos corsários*, de Pasolini, e *Assunto encerrado*, de Calvino. Ficou sugerido, pela ordem da argumentação desenvolvida anteriormente, que ambos são semelhantes. Mas agora pergunto: semelhantes a partir do quê?

Na correspondência entre Calvino e Pasolini há alguns elementos que levam a considerar se é suficiente nomear os dois livros como súmulas autobiográficas geracionais, já que a simples menção da palavra *geracional* produz a identificação absoluta e forçosa, que é o mínimo que se poderá argumentar quanto à eliminação das diferenças que produz. Na verdade, cada um *faz e vive* a seu modo — a literatura, a política e a vida —, ou seja, traz em contraluz, nas suas sombras, justamente as diferenças entre a experiência histórica e a literária que não são, jamais, as mesmas, iguais. Focalizo para esse tema a carta de 28 de janeiro de 1973, que é também a resenha escrita por Pasolini sobre o livro calviniano *As cidades invisíveis* (1972).⁵ Assim começa:

Cresci com Italo Calvino, conheci-o muito jovem, quase um garoto (acredito que tenha um ou dois anos a menos do que eu, mas quando entrei para o mundo saído do monastério friulano em 1950, ele era um pouco mais adulto, e mais

⁵ Publicada no jornal *Tempo* em 28 de janeiro de 1973, passou a compor posteriormente o livro de Pasolini *Descrizioni di descrizioni*.



familiarizado com as coisas da sociedade e da literatura, às quais por ainda um tempo eu seria barrado, como se eu não as merecesse, por alguma indignidade — ou por excessiva ingenuidade). Trabalhamos juntos, ele em Turim, eu em Roma, até os quarenta anos, isto é, até quando alcançamos o centro da vida (quarenta anos é a idade em que o homem é mais “iludido”, mais acredita nos assim chamados valores do mundo, leva mais a sério o fato de ter que participar, de ter que entrar em posse dele. Com vinte anos, em confronto com os quarenta, se é monstruosamente realista). O nosso trabalho, de alguma forma, se integrava, embora fossem tão diferentes, e nos ligava sobretudo o otimismo — como um sentimento bom — que consistia na convicção que o nosso trabalho estivesse no *centro* de algo, ou que algo deveria ocorrer a partir dele. De modo muito retraído, nos admirávamos e nos amávamos, sem muitas demonstrações, totalmente tomados pela importância daquilo que fazíamos para nos conceder pausas desinteressadas.

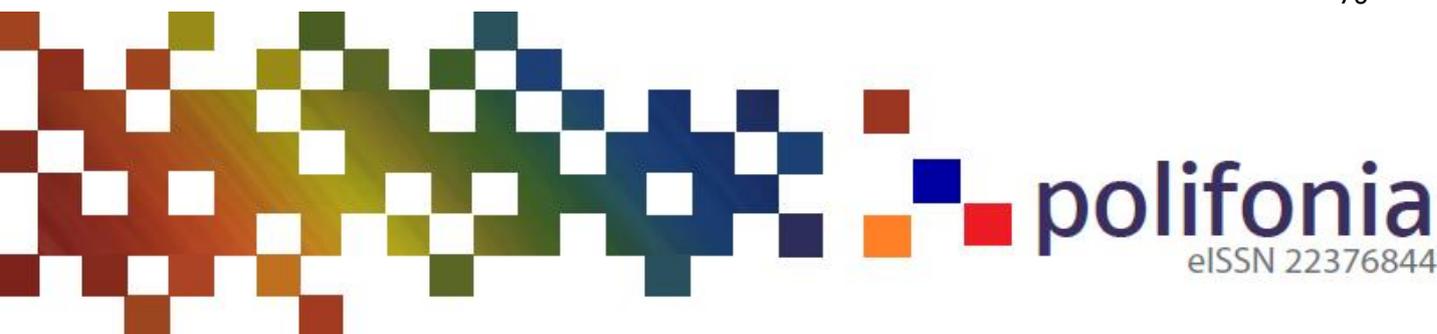
Em seguida Calvino deixou de se sentir próximo a mim. Eu percebi imediatamente. No início dos anos 1960, algo se rompia, e eu e ele estávamos de lados opostos da fenda.⁶ (PASOLINI, 1999, p. 1724-1725, tradução minha).

Após descrever os anos em que estiveram próximos, cada um segundo seu próprio caráter e segundo o próprio modo de conceber a literatura, Pasolini aponta para o momento do afastamento, nos anos 1960: “algo se rompia”. E acrescenta que essa fenda só foi aumentando com o passar dos anos.

É curioso que Pasolini, que se dedicou, com tanta insistência, a descrever as transformações sócio-político-culturais da Itália a partir dos anos 1960, nessa carta, não as nomeie por inteiro. Uma das razões para esse “desvio” está implicada diretamente no elogio rasgado que faz ao livro *As cidades invisíveis* como tecnicamente perfeito, do ponto de vista

⁶ No original: “Sono cresciuto insieme con Italo Calvino, l’ho visto giovanissimo, quase un ragazzo (credo che abbia uno o due anni meno di me, ma quando sono entrato nel mondo uscendo dal monastero friulano nel 1950, lui era un po’ più adulto, e più dentro le cose della società e della letteratura, che ancora per un pezzo mi sarebbero state precluse, quasi che io non le meritasse, per qualche indegnità — o per troppa ingenuità). Abbiamo lavorato insieme, lui a Torino, io a Roma, fin verso ai quarenta anni, cioè fino a che abbiamo raggiunto il centro della vita (quarant’anni è l’età in cui l’uomo è più “illuso”, crede di più nei cosiddetti valori del mondo, prende più sul serio il fatto di dovervi partecipare, di dover impossessarsene. Il ventenne, nei confronti del quarentenne, è un mostro di realismo). Il nostro lavoro, in qualche modo si integrava, benché fosse così diverso: e ci legava soprattutto l’ottimismo — come un buon sentimento — consistente nella convinzione che il nostro lavoro fosse al “centro” di qualcosa, e che qualcosa ne dovesse risultare. In modo molto ombroso, ci ammiravamo e ci amavamo, senza molti complimenti, troppo presi dall’importanza di ciò che facevamo per consentirci pause disinteressate.

Poi Calvino ha cessato di sentirsi vicino a me. L’ho capito subito. All’inizio degli anni Sessanta, qualcosa si spaccava, e io e lui eravamo sulle parti opposte della spaccatura.”



de uma narração sem fim, que poderia continuar indefinidamente, e à criação de um narrador “neutro”. A escolha por não nomear os fatos da crise é feita a partir de um ponto de vista preciso: Pasolini, ao escrever essa resenha — e provavelmente nasce daí o interesse em escrevê-la —, está trabalhando em seu filme *As mil e umas noites*.

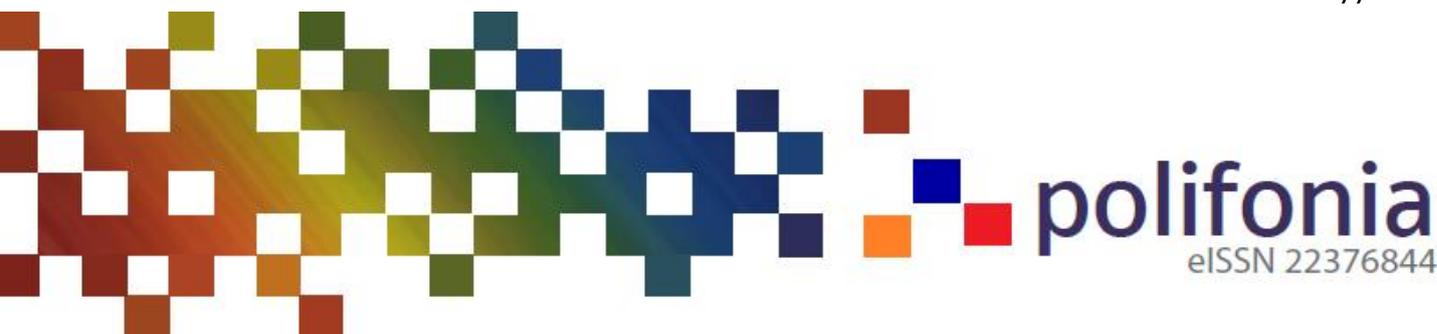
Para mim, que estou trabalhando em *As mil e umas noites*, ler este livro foi quase inebriante e não é acaso ou por um fato pessoal. *As mil e uma noites* é o modelo figurativo que o surrealismo de Calvino parcimoniosamente saqueia e como cada narrativa de *As mil e umas noites* é a narrativa de uma anomalia do destino, assim também cada descrição de Calvino é a descrição de uma anomalia da relação entre o mundo das Ideias e Realidade (que é, enfim, o Destino na civilização ocidental). *A invenção poética consiste em individuar tal momento anômalo.*⁷ (PASOLINI, 1999, p. 1729, tradução minha).

Calvino lerá com muito entusiasmo a crítica. É o que está escrito no primeiro parágrafo da carta-resposta que escreve para Pasolini, em 7 de fevereiro de 1973. Destaca a acuidade da leitura, concordando com a perspicácia de Pasolini, pela indicação da presença de certo *platonismo* na descrição-criação das cidades:

E [estou] feliz de que meu livro tenha sido uma ocasião para reflexões novas, geniais e continuamente focadas como as que você faz; em todas elas reconheço meu livro sob novas angulações, que já me impelem a achar novas ramificações e vínculos com o seu discurso. Acima de tudo, domina a imagem extraordinária do futuro universal dado todo inteiro, no qual um sentido se perde, de modo que o conhecimento também se torna recordação. E isso, veja só, já é um motivo platônico e se articula com o platonismo que você menciona logo em seguida. Você é o primeiro crítico que indica esse componente platônico, que me parece central. E depois, num movimento em sintonia com aqueles do livro, vem explicar magnificamente como a matéria do sonho é real.⁸ (CALVINO, 2000, p. 1197).

⁷ No original: “Per me, che sto lavorando a *Le mille e una notte*, leggere questo libro è stato quasi inebriante: è non è un caso o un fatto personale. Proprio *Le mille e una notte* sono il modello figurativo che il surrealismo di Calvino parcimoniosamente saccheggia; e come ogni racconto de *Le mille e una notte* è il racconto di una anomalia del destino, così ogni descrizione di Calvino è la descrizione di una anomalia del rapporto tra mondo delle Idee e Realtà (che è poi il Destino nella civiltà occidentale). L’invenzione poetica consiste nell’individuazione di tale momento anomalo).”

⁸ No original: “E felice che il mio libro sia stato l’occasione per riflessioni nuove e geniali e a fuoco continuo come quelle che fai te: in tutte riconosco il mio libro sotto nuove angolature, che già mi spingono a trovare nuove direzioni e allacciamenti al tuo discorso. Su tutto domina l’immagine straordinaria del futuro universale dato tutto insieme, e in cui si perde il senso, per cui la conoscenza diventa anch’essa ricordo. E questo vedi il caso è già motivo platonico e si collega al platonismo di cui tu dici poco dopo. Sei il primo critico che



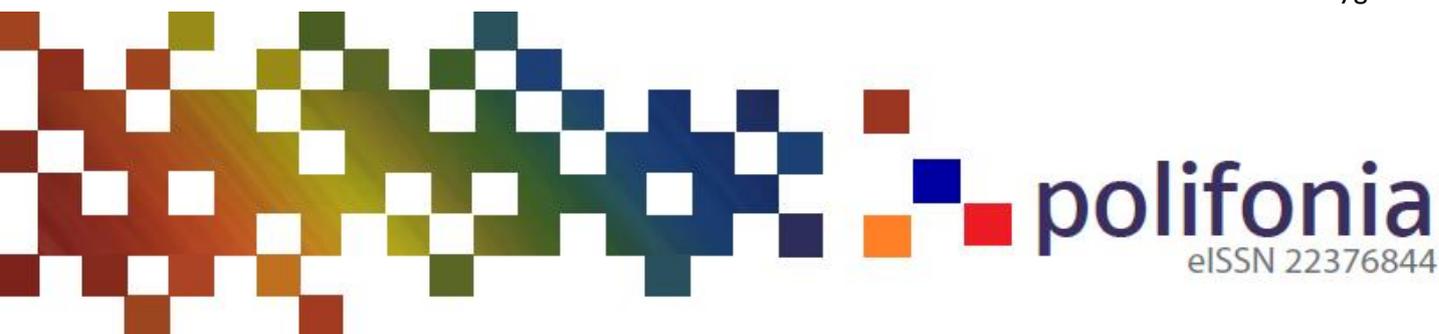
A partir do segundo parágrafo, entretanto, passa a responder sobre ter “deixado de nos sentir próximos”.

Uma palavra sobre termos “deixado de nos sentir próximos” nos últimos dez anos ou menos. Você é que foi muito longe, quer dizer: não só com o cinema, que é o que de mais distante pode haver do ritmo mental do rato de biblioteca em que me transformei nesse meio tempo, mas também porque seu uso da palavra se adequou a comunicar traumáticamente uma presença como que projetada em grandes telas — um modo de intervenção rápida sobre a realidade que eu descartei de saída. Isso por um lado, ao passo que o tipo de discurso em que você dá o melhor de si é feito de juízos extremamente minuciosos e argumentados, baseados numa atenta microscopia de palavras e pessoas (dotes que você não perdeu, como atestam suas novas e bem-vindas intervenções críticas), e esse é o tipo de discurso que só pode exercer influências indiretas, depois de ter feito um longo périplo, a distância de anos e anos, assim como o discurso poético. Estar presente e emitir sua opinião acerca da atualidade sob a ótica dos jornais, com o metro da atualidade dos jornais e em tomada direta com a “opinião pública”, dá certamente uma grande sensação de vida, mas é vida no mundo dos efeitos, não naquele das razões lentas. Foi, portanto, seu “modo de escolha da atualidade” que nos dividiu; não o meu, que não existe; entendi logo que eu não tinha lugar na atualidade e fiquei à parte, quem sabe me roendo o fígado, mas me mantendo em silêncio, como aliás você mesmo diz; de todo modo, ainda que eu falasse, não haveria ninguém disposto a me ouvir e a me responder.⁹ (CALVINO, 2000, p. 1196-1197; 503).

O que essa troca de cartas encena? Em que medida nos ajuda a identificar o que é parte do desejo comum dos escritores de fazer um *balanço de vida* enquanto figuras públicas,

indichi questa componente platonica, che mi pare centrale. E benissimo vieni poi a spiegare, con un movimento che s'intona a quelli del libro, come la materia del sogno è reale.”

⁹ No original: “Una parola sul nostro aver “cessato di sentirsi vicini” negli ultimi dieci anni o giù di lì. Sei tu che sei andato molto lontano, vuoi dire: non solo col cinema che è quel che è che più lontano che ci può essere dal ritmo mentale di un topo di biblioteca quale io nel frattempo sono diventato, ma perché anche il tuo uso della parola s'è adeguato a comunicare traumáticamente una presenza come proiettandola su grandi schermi: un modo di rapido intervento sull'attualità che io ho scartato in partenza, questo, mentre il tipo di discorso cui tu dai meglio di te è fatto di giudizi estremamente minuziosi e argomentati, basati su un'attenta microscopia di parole e persone (dote che non hai perso come questi tuoi bentornati interventi critici testimoniano), ed è il tipo di discorso che può avere solo influenza indiretta, dopo aver fatto un lungo giro, a distanza di anni e anni, così come il discorso poetico. Mentre l'essere presente per dire la tua sull'attualità secondo l'ottica dei giornali, col metro dell'attualità dei giornali e in presa diretta sull' “opinione pubblica”, da certo una grande sensazione di vita, ma è vita nel mondo degli effetti, non in quello delle lente ragioni. È dunque il tuo “modo di avere scelto l'attualità” che ci ha diviso: non il mio, che non esiste; nell'attualità ho capito presto di non avere posto e sono rimasto da parte, magari rodandomi il fegato, ma restando in silenzio, come tu stesso dici del resto, tanto anche se avessi parlato non c'era nessuno disposto a starmi a sentire e a rispondermi.”

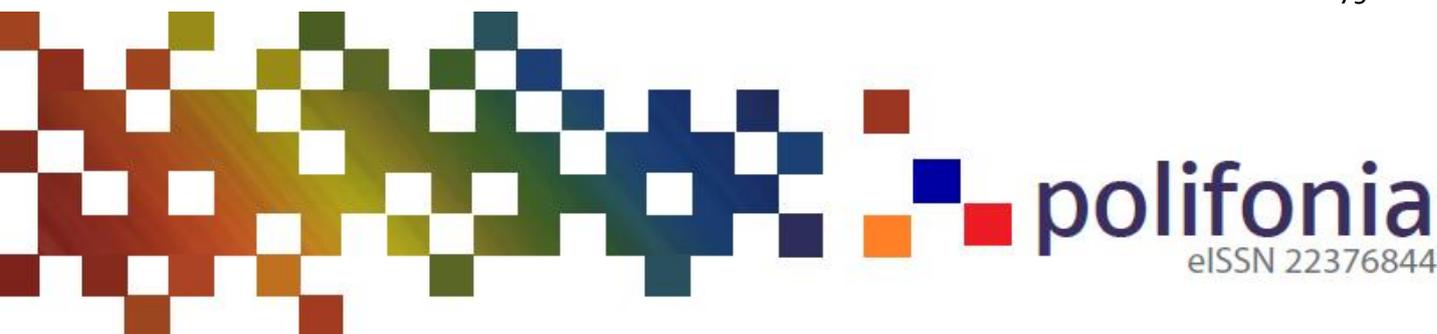


que os levam a selecionar e editar textos segundo eles mais propícios a representá-los publicamente no futuro, do que é a escolha do *agora*, a escolha da forma de se assumir enquanto intelectual *naquele momento*?

Tanto na carta de Pasolini como na resposta a ela por Calvino, há o aceno a *escolhas* — a história e a vida social italiana, a partir dos anos 1960, apresentada e sendo vivida pelos intelectuais e escritores, como uma encruzilhada que exigia escolhas: Pasolini diz que Calvino escolheu aderir prontamente ao seu presente (ao Movimento Estudantil e ao *Gruppo* 63) e essa adesão poupou-o das duras e violentas críticas a que Pasolini foi submetido por ter insistido em evidenciar sua discordância, “gritando contra todos os ventos como uma galinha despenada”. Calvino, ao responder, inverte a direção do argumento: “Foi, portanto, seu ‘modo de escolha da atualidade’ que nos dividiu; não o meu, que não existe.”

Encaminhando-me para o final, mas antes retomando alguns fios lançados no início e ao longo deste artigo, encontrei no livro recém-publicado, que reúne textos críticos de Giovanni Rabonni, reflexões que vão na direção acenada acima, a da sua retirada da cena pública e da convivência com o fantasma em Calvino, a partir dos anos 1960. O título do livro ecoa as palavras de Pasolini e Calvino sobre falar/calar: *Meglio star zitti?* (É melhor ficar calado?). Ao resenhar o livro já citado *As cabras de Biquini*, Rabonni escreve:

Pareceu a Ferretti identificar o início e, ao mesmo tempo, o possível emblema de uma veia obscura, de uma contrariedade não aplacada e ansiosa, que percorre, segundo ele, toda a obra de Calvino aflorando, entretanto, somente em momentos e, por assim dizer, contra a vontade do escritor, que se empenha em construir e fornecer, através da eliminação de “qualquer sombra”, uma imagem de si de “harmoniosa linearidade e clareza”. A sugestiva hipótese é reforçada diante de uma série de pequenas e frequentemente, do meu ponto de vista, indiscutíveis descobertas textuais. As contradições, oscilações e incertezas que Ferretti aponta nos textos de Calvino nos parecem, nesta perspectiva, índices ou sintomas de uma inquietação oculta e, ao mesmo tempo, efeitos desse ocultamento; e mesmo a parábola expressiva do narrador do autobiografismo alegórico em *A especulação imobiliária* ou *O dia de um escrutinador* (os melhores segundo Ferretti e, no que nos interessa, também para mim) ao jogo cético-combinatório das *Cosmicômicas* ou de *Se numa noite de inverno um viajante* e à “observação conjuntural pura” de *Palomar* pode ser lida como o diagrama de uma remoção sempre mais eficaz, somada a uma lucidíssima estratégia dirigida à conquista de sucesso de público que — como diz Ferretti — se apoiava “justamente sobre a recusa da



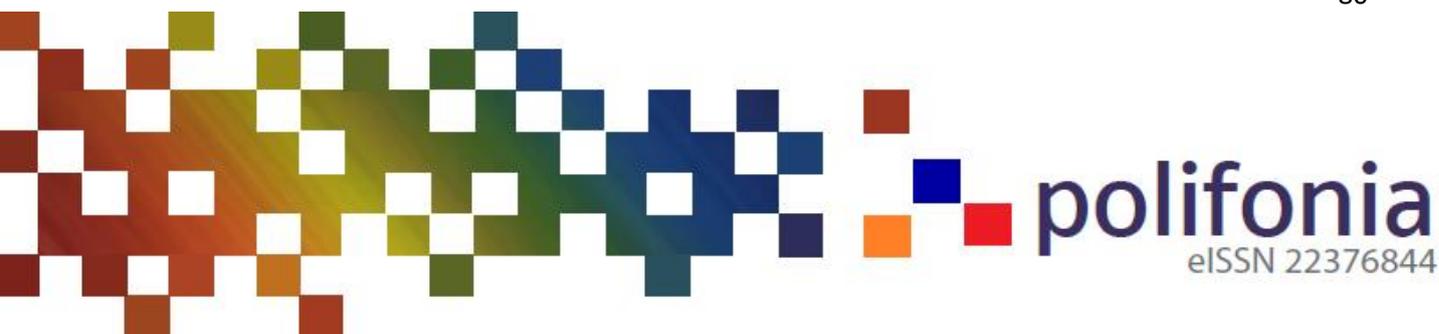
conflitualidade problemática [...] em consonância com um certo clima contemporâneo”.¹⁰ (RABONI, 2019, p. 207-208, tradução minha).

Concluindo, existir demais e existir de menos: me parece que essa seja, em plena consciência de ambos os escritores, a razão que subjaz aos dois livros ensaísticos e autobiográficos. Enquanto Calvino procura fazer do esquecimento a sua escolha — observar platonicamente e cada vez mais de longe o mundo, Pasolini se apresenta como parte dolorosa, mas furiosamente presente — do centro das polêmicas e das discussões. Calvino fecha; Pasolini abre o diálogo mesmo quando presente que o mundo mudou, e muito. Só moralmente, talvez, os dois livros-balanços poderiam ser aproximados. Em ambas as escolhas são, ao mesmo tempo, literárias e políticas, e são extremamente diferentes: *Petróleo* e *As cidades invisíveis* falam por si só, nesse sentido. Essa diferença indica nos bastidores a presença do fantasma de Calvino citado antes. Talvez seja essa diferença entre os autores uma explicação pelo interesse atual crescente sobre Pasolini: dentro e fora da Itália as editoras buscando ampliar as edições e traduções; e talvez assim se compreenda também a diminuição das publicações ou republicações da obra de Calvino.

Referências

CALVINO, I. *Romanzi e racconti*. Organizado por Mario Barenghi e Bruno Falcetto. Milão: Meridiani Mondadori, 1992. v. 2.

¹⁰ No original: “È parso a Ferretti di scorgere l’inizio e, al tempo steso, il possibile emblema di una vena oscura, di un rovello implacato e ansioso che corrono, a suo dire, lungo tutta l’opera do Calvino, affiorandone tuttavia solo a tratti e, per così dire, contro la volontà dello scrittore, impegnato nel frattempo a costruire e dare di sè, attraverso l’eliminazione di “ogni sombra”, un’immagine di “armoniosa linearità e nettezza”. La suggestiva ipotesi è suffragata da una serie di minute e spesso, a mio avviso, incontrovertibili scoperte testuali. Le contraddizioni, oscillazioni e incertezze che Ferretti rileva all’interno degli scritti e degli atteggiamenti di Calvino ci appaiono, in questa prospettiva, come spie o sintomi di un’inquietudine occultata e, insieme, come effetti di tale occultamento; e la stessa parabola espressiva del narratore dall’autobiografismo allegorico di testi come *La speculazione edilizia* o *La giornata d’uno scrutatore* (i suoi migliori secondo Ferrettie, per quel che conta, anche secondo me) al gioco scettico-combinatorio delle *Cosmicomiche* o di *Se una notte d’inverso un viaggiatore* e all’ “osservazione congetturale pura” di *Palomar* può essere letta come il diagramma di una rimozione sempre più efficace, accompagnata per altro da una lucidissima strategia volta a conquista di un successo di pubblico che — come dice Ferretti — faceva leva ‘proprio sul rifiuto della conflitualità problematica [...] in consonanza con un certo clima contemporaneo.” (RABONI, 2019, p. 207-208).



CALVINO, I. *Lettere (1940-1985)*. Organizado por Luca Baranelli. Milão: Meridiani Mondadori, 2000.

CALVINO, I. *Um general na biblioteca*. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CALVINO, I. *O dia de um escrutinador*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CALVINO, I. *Saggi*. Organizado por Mario Barenghi. Milão: Meridiani Mondadori, 2007. v. 1.

CALVINO, I. *Assunto encerrado*. Discursos sobre literatura e sociedade. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERRETTI, G. C. *Le capre di Bikini*. Calvino giornalista e saggista (1945-1985). Tivoli: Editori Riuniti, 1989.

PASOLINI, P. P. *Saggi sulla letteratura e sull’arte*. Organização de Walter Siti Milão: Meridiani Mondadori, 1999. v. 2.

RABONI, G. *Meglio star zitti? Scritti militanti su letteratura cinema teatro (1964-2004)*. Organização de L. Daino. Milão: Mondadori, 2019.